A mulher negra e o sexo frágil

Sociologia

Enviado por: _elisandraangrewski@seed.pr.gov.br

Postado em:02/08/2013

Por Jarid Arraes, no Blogueiras Negras Há muito tempo, o feminismo vem combatendo a ideia de que o sexo feminino é o “sexo frágil”. Para muita gente, essa é uma das principais reivindicações que representam o feminismo – tanto para quem está de fora, quanto para muitas das próprias ativistas dentro do movimento. No entanto, a questão é bem mais profunda e há outras nuances que quase sempre são deixadas de lado na luta pela igualdade. Afinal, as mulheres negras nunca foram vistas como fisicamente frágeis. Com tantos abusos aos quais as negras são sujeitas, destruir um estereótipo de fragilidade não é nem de longe uma de suas demandas mais urgentes. É importante entender que a mulher tida como frágil devido aos valores machistas da sociedade é sempre a mulher branca, especialmente aquela de classe privilegiada, que possui certo poder de consumo e que é pressionada a atingir os padrões de pureza, delicadeza e fragilidade femininas. A mulher negra brasileira nunca se encaixou nesses parâmetros e nem poderia: ela é protagonista de vários séculos de exploração, escravidão sexual e trabalho braçal forçado. Enquanto à mulher branca é imposto o ideal feminino de pureza cristã, a mulher negra é hipersexualizada e vista como promíscua, sendo relegada ao papel de “Pombagira”, que pertuba o sono da “inocente” dona de casa – constituindo uma teia de discriminação e hipersexualização racialmente seletiva. Na cultura brasileira, é impossível pensar em mulheres negras como pessoas frágeis. São as negras que, em sua maioria, começam a trabalhar desde jovens para ajudar a família e precisam largar os estudos para cuidar da roça ou limpar a casa de pessoas brancas como empregadas domésticas. Em incontáveis casos, senhoras negras de idade contam histórias de trabalho contínuo sem qualquer descanso, criando os filhos dos brancos, cuidando da faxina de residências e centros comerciais, transportando cargas e permanecendo em pé dias inteiros enquanto trabalham, sem receber qualquer direito trabalhista ou pausa para repouso. Diferente da mulher branca, a mulher negra jamais teve de reivindicar o direito de trabalhar fora, uma vez que vem exercendo esse tipo de serviço há vários séculos, mesmo contra a sua vontade. Enquanto a mulher branca lutava para ingressar no mercado de trabalho e na universidade, buscando o reconhecimento dos seus atributos intelectuais, a mulher negra já trabalhava fora de casa há centenas de anos, sem que nem de longe fosse vista como uma pessoa inteligente. Sob esse aspecto, mulheres negras e brancas têm em comum a batalha pelo reconhecimento de suas faculdades mentais e autonomia para transformar e interagir com o mundo. No entanto, o racismo é o maior responsável por barrar oportunidades para a mulher negra. Para conquistar equiparidade com os homens, é extremamente necessário obter um posicionamento de igualdade entre as próprias mulheres e ser reconhecida como ser pensante com virtudes e individualidade, não somente como braço de trabalho à serviço da população branca. Para a mulher negra, ser vista como alguém forte não é uma reivindicação, mas sim um valor imposto pela sociedade e uma ferramenta pela sobrevivência. As mulheres negras jamais são vistas como inaptas para trabalhos manuais, mas sim como uma mão de obra fácil e barata para ser explorada e que pode ser facilmente substituída. Elas precisam se embranquecer em busca de trabalhos intelectuais, que exigem “boa aparência” e são reservados para as mulheres brancas – essas, sim, vistas como fisicamente frágeis. Para algumas pessoas, pode parecer que tudo isso

ficou para trás, em uma escravidão perdida no passado distante. No entanto, o racismo é muito perverso e, em pleno ano 2013, a discriminação e os estereótipos raciais permanecem fortes e são responsáveis pela naturalização com que se vê mulheres negras empurrando carrinhos de mão repletos de sucata ou lavando as privadas imundas dos banheiros públicos. A falta de sensibilidade quanto a realidade das negras é espantosa, especialmente quando levada em consideração a forma como a sociedade se choca com a possibilidade de uma mulher branca necessitar desse tipo de trabalho. Os problemas causados pelo patriarcado oprimem todas as mulheres: as brancas por não serem consideradas fortes e as negras por não serem consideradas humanas. É essencial compreender que delimitar as diferenças pelas quais o machismo oprime mulheres não é uma questão de pesar sofrimentos. As negras têm uma história diferente e sofrem problemas específicos, que precisam ser reconhecidos e combatidos devidamente. A feminilidade imposta não é composta por um único padrão para todas as mulheres e aquilo que é esperado de cada uma varia drasticamente de acordo com sua origem e sua cor. É preciso compreender que a misoginia não é homogênea e que, sem destruir o racismo, a mulher negra jamais será libertada do patriarcado. Por fim, resta a certeza de que a mulher negra jamais será um ser frágil, pois sua força para resistir permanece viva. A força da mulher negra não está relacionada a opressão desumana do trabalho que o racismo impõe, mas ao orgulho de si, de suas raízes, sua coragem e de sua capacidade de gerar laços fortes para destruir a discriminação. A força dos seus braços e ombros não existe para a escravidão, mas sim para que possam se unir e formar as paredes de uma represa feminista. Esta reportagem foi publicada no dia 01 de agosto de 2013 no site http://revistaforum.com.br/ Todas as informações são de responsabilidade do autor.